OFUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Fevereiro de 1863.

X.

SUMMARIO.

	Page,		egs.
Dous casamentos, por C. Castello Branco. Theatro por deutro e per fóra, por A. Moutinho de Souza Dinheiro, por F. X. de Novaes. Adeus 1, por E. Cibrão.	309 4 816 325 330	Ao Brasil, por M. REIS FOIO SEABRA. A Mancenilha, por E. Lima. Do amor nas lendas pagas, por MACEDO SOARES. Chronica, por MACHADO de Assis.	337

RIO DE JANEIRO.

Typ. do Correio Mercantil, rua da Quitanda n. 55.

O FUTURO.

DOUS CASAMENTOS.

(PRIMEIRA PARTE)

I.

Pobres crianças!

Amavam-se, sonhavam-se, e perdiam-se em extasis de

felicidade pelo futuro além!

Tinha quinze annos ella, e elle vinte. Ambos riquissimos dos thesouros d'aquella idade, ouro de phantasia, diamantes de esperança, um mundo que não cabia neste, e, além de tudo, um ceo de amor, que não tem que ver com o ceo dos martyres, dos apostolos, e dos confessores!

Pobres crianças!

Ellena era filha de um professor de linguas. Guilherme

era o melhor discipulo do professor.

A situação do mestre, em todas as nove linguas, que elle sabia, chamava-se « pobreza » Ora, o discipulo destinava-se a imitar o mestre na profissão, e na ventura.

O pai de Guilherme era um algibebe, fallido, de Lisboa, que se fizera guarda-portão d'um visconde, que fora com elle

caixeiro em casa do mesmo patrão.

A Ellenasita, quando tinha dez annos, emendava os erros em francez, de Guilherme; aos doze emendava-lh'os em inglez; e, aos quinze, dizia ao condiscipulo que o amava, em todas as

linguas.

O velho professor não dava por isto. Andava lá absorvido em accrescentar cento e trintà mil vocabulos ao velho Callepino, e nem se quer levantava mão do improbo trabalho para scismar se a sua obra de vinte annos acharia um editor em Portugal. De si para si tinha elle que a Academia Real das Sciencias, avaliadôra nata dos feitos immortaes do espirito humano, lhe tomaria á sua custa a estampa dos cento e trinta mil vocabulos. Feito isto, o polygiota, farto de trabalho, gosaria a doirada mediocridade em gloriosa velhice.

40

E, no entanto, iam-se amando as pobres crianças.

II.

O professor educara o filho unico da viuva Condessa de Prazins até aos dezesete annos. Nesta idade, morreu o discipulo, e a mãe ficou sempre chorando o filho, e bem-querendo ao mestre.

Ellena costumava ir passar o estio a Cintra, e o outono a Pedroiços, em companhia da Condessa, que andava nos seus trinta e sete annos. A fidalga, com quanto saudosa e desconsolada, desadorava a convivencia do capellão, e da parentella pesada d'annos, d'espirito, e brasões. A conversar com a viçosa e illustrada Ellena corriam-lhe as melhores horas dos seus raros contentamentos. Animada pela familiaridade, a filha do hellenista contou á Condessa o segredo dos seus amores. A excellente senhora folgava em ver aquella flor abrindo a mêdo a urna dos seus perfumes. Excitava-a a referir as coisas, muitas vezes contadas, as quaes se resumiam em innocentes colloquios da menina com o pallido Guilherme, sympathico á Condessa, por ser da estatura e idade de seu filho.

« Que fins são os vossos? — dizia a fidalga. — Não podem ser mais honestos, do que são, creio eu. Mas Ellena, é pobre, e o seu Guilherme tambem.

Ellena, pela primeira vez, pensou na pobreza, e custou-lhe a dar com a relação d'uma cousa com a outra.

— Que tem que eu seja pobre ? disse ella, com sincera e receosa curiosidade.

— Tem que seu pai não hade querer que a menina caze com um moço sem emprego, nem meios para a sustentar. Diga ao Guilherme que cuide em ter posição, e depois será seu marido. Eu me empenharei a ver se consigo que o empreguem.

Ellena, de assombrada que ficou pelo raio de luz nova, nem se lembrou de beijar as mãos á benevola senhora.

Tomou conta do recado; e, assim que teve occasião, disse a Guilherme o que passára com a Condessa.

Guilherme respondeu lhanamente:

« Eu já pensei n'isso, Ellena : cuido que teu pai, se eu lhe pedir que me deixe cá ficar a ajudal-o nas licções, me acceitará 0 FUTURO. 311

- Pois então, pergunta-lh'o, Guilherme, para ficarmos

descançados.

Quando chegou a hora da pergunta, o moço titubeou, e falleceu de animo para o acto, que elle, dous dias antes, julgára tão simples. E' que desvelara uma noite, scismando nas vantagens de ser rico, e nos tropeços materiaes que empeciam o coração. Occorreram-lhe á memoria nessa noite muitos versos latinos dos seus livros, á cerca da inconveniencia de ser pobre, versos que elle decorára sem lhes intender o conceito applicavel ás situações da vida.

III.

— Que te disse o paí? perguntou a anciosa Ellena.

« Faltou-me o animo, e a falla. Já por trez vezes lhe disse que desejava ser seu filho, e fiquei n'isto, á espera que elle me pedisse a explicação do meu embaraço. Teu pai sorriu-se; e, á terceira vez, disse-me: « Querias ser meu filho para me herdar o meu Horacio de 1629? e o meu Thucydides de 1731? E's tolo, Guilherme! Melhor te fôra ser filho d'aquelle forçureiro, que ali mora defronte, que já tem um filho conego, e prepara o outro para os conselhos da corôa! Tu não sabes ainda o que é ser pobre!... » Estas palavras acabaram de me desanimar. Parece-me que encerram a resposta de teu pai, se elle adivinhou o meu pensamento...

Ellena viu embaciarem-se os olhos de Guilherme, e disse-

lhe amoravelmente:

— Não desanimes, que eu lhe fallarei. Tem esperança, meu amigo. Eu vou ver se o pai já sahiu da escrevaninha.

- Aqui estou, Ellena - disse o professor entrando.

A filha e o discipulo empallideceram.

— Diz ahi o que ias dizer-me, filha—tornou brandameno hellenista.

A face da menina passou do branco ao escarlate. Balbuciou alguns monossylabos, que o pai parecia escutar attento, com ar de quem se interessa muito na revelação d'um segredo; mas Ellena era inintelligivel, ou de mais a entendia o velho.

— Se não fallas, fallarei por ti—disse elle. Foste creada com Guilherme, estás affeita com elle, és sua amiga como irmã, e desejas ser sua esposa. Escolheste bem, filha: Guilherme é um rapaz intelligente, estudioso, e sisudo. Escolheste mal, filha: Guilherme é um rapaz pobre, sem officio, e sem velhacaria para supprir a falta do officio. Não te deixo

casar, por que um pai não consente que sua filha seja desgraçada. Guilherme tem boas qualidades provadas; mas faltalhe dar a prova da essencial; falta-lhe provar que é honrado. Um homem honrado não sacrifica aos desejos do coração o bem estar de uma menina. Guilherme, antes de me pedir noiva, devia collocar-se de modo que eu não tivesse de perguntar-lhe se elle tem com que sustentar minha filha e os meus netos. N'um moço honrado, o coração, antes de impor prazeres, impõem deveres. Tenho respondido. O meu discipulo sabe o que lhe convem fazer, se quer continuar a merecer a minha estima paternal.

IV.

Foi a chorosa Ellena desafogar nos braços da Condessa de Prazins. A condoida senhora começou desde aquella hora a escrever cartas a todos os seus amigos, pedindo uma collocação para Guilherme da Costa. Respondiam alguns, perguntando-lhe que habilitações tinha o pretendente.

Informava a fidalga que o seu afilhado sabia as linguas grega, latina, alleman, ingleza, franceza, e outras sciencias des actudos accundanios

dos estudos secundarios.

Ao cabo de dous mezes de sollicitações, descobriu-se que a republica não tinha algum logar em que podessem ser exercitadas as habilitações de Guilherme da Costa. Estavam todos os cargos publicos preenchidos por sujeitos idoneos, que

não tinham alguma d'aquellas habilitações...

Resolveu a Condessa ir pessoalmente fallar com o Director da Alfandega de Lisboa, cavalheiro muito attencioso, que offereceu ao moço tão auspiciosamente apadrinhado, um logar de guarda-supra, com trezentos e sessenta reis diarios. O pretendente informou-se do exercicio do seu cargo, e soube que tinha de ajudar a carregar e descarregar os fardos nos armazens da Alfandega. Consultou suas debeis forças, e resignou, nas mãos da Condessa, a nomeação, já de si mui pesado fardo de ignominia.

Ellena chorava, a fidalga raivava contra os seus conhecidos, e Guilherme cahia de cama com febre, e com sincero

desejo de morrer.

No entretanto, o professor, concluida a reforma do Callepino, andava por portas dos socios da Academia Real das Sciencias, sollicitando a publicação do seu trabalho. Respondiam-lhe que o privilegio das publicações por conta da Academia era regalia dos escriptores já academicos effectivos. Um destes, movido por sentimentos de humanidade, propoz socio o abalisado polyglota, professor. Regeitou-o a pluralidade dos votos, posto que, na mesma sessão, fora admittido um poeta, que tinha escripto duas poesias a um anjo, quatro á brisa da tarde, e uma ode natalicia, parecida com um dytirambo, á esposa do socio proponente.

O professor adoeceu tambem de febres, e desejava tambem sinceramente morrer na lavareda dos seus manuscriptos.

Guilherme convalesceu, e foi velar a doença do pai de Ellena. A todos acudia a Condessa com bastantes recursos, posto que os houvesse de cercear ás suas despezas. A viuva pleiteava com seus cunhados os bens herdados, com grande risco de os perder. A sociedade assim o pensava, e assim cabalmente se explica o malograrem-se-lhe as diligencias no alcance d'uma posição para Guilherme. O certo é que a Condessa vivia sem fausto, e sem mais amigas que as menos ricas que ella, e sem mais amigos que os resignados a adorarem-na silenciosos e respeitadores. Eram pouquissimos.

Recobrado o velho da fulminante doença, Guilherme

fallou assim na presença de Ellena e do mestre:

« Vou procurar a minha vida n'outra parte. Dizem-me que eu alcançarei uma posição lucrativa n'um collégio, no Rio de Janeiro, e que poderei, com alguns annos de trabalho, ser proprietario de um estabelecimento de educação. O meu pensamento é chamar ao Brasil o meu querido mestre, logo que a sua ida seja bem prosperada. Essa será a melhor vingança que póde tirar da patria, mãi sem entranhas, sem regaço onde um ancião possa encostar a face, e morrer. depois de quarenta annos de professorado.

— Vai, meu filho, disse o velho soluçante, vai, e chama-

me, que eu te levarei a esposa.

Ellena queria chorar. O pai, limpando as suas lagrimas,

exclamou:

— Nem uma lagrima, filha! se não é chorar de alegria o teu... de alegria, sim, porque, bem dito seja o Altissimo! eis aqui trez infelizes honrados! Trez, é muito, meu Deus!

VI.

Dias depois, Guilherme devia sahir para o Brasil, n'um barco de vella. O amo de seu pai deu-lhe metade da passagem, e a Condessa a outra metade, e o professor vendeu o seu Tucydides de 1731, e o seu Horacio de 1629 para comprar roupa branca ao aventureiro. O moço, quando soube a venda das preciosas edições, quiz resgatal-as. Resgatal-as... com que? offereceu o seu sangue. De que servia o sangue de Guilherme ao comprador dos dous livros raros? Offereceu o duplo do dinheiro trocado por elles; ia-se já movendo o livreiro ás lagrimas do mancebo, quando este scismava na traça com que negociaria quarenta mil reis para dar pelos livros.

Sahio hallucinado, e procurou o capitão do navio. Contou-lhe a sua vida; e, chegando á passagem do resgate dos livros, o marinheiro desatou uma casquinada de riso alvar, exclamando:

« Deixa ficar com todos os diabos os livros, que eu não dava quatro patacas por elles. »

Guilherme arrepelou-se, e o capitão atalhou a furiosa e muda resposta com esta branda pergunta

« Que quer você que eu lhe faça ? Diga lá ! Quer que eu

lhe dê quarenta mil réis para ir buscar os livros?

Queria, respondeu Guilherme, que me levasse como criado, como marinheiro, de qualquer modo, a pagar-lhe eu lá, e que me restituisse o dinheiro da passagem.

— Isso não é comigo: é com o proprietario do navio. Vá-se lá ter com elle. Estou que o homem, se vossê lhe der fiador á passagem, lhe dará o dinheiro, que já lá tem.

Foi Guilherme, com poucas esperanças, contar ao pro-

prietario da galera a sua vida.

Acertou de ser humano o capitalista. Admittio-o sem fiança e, restituio-lhe os quarenta mil reis recebidos.

Correu o moço a resgatar os livros, e levou-os para bordo

com a sua bagagem.

Na manhã da partida, foram ao bota-fóra o quebrantado professor e a filha. Os passageiros e a tripolação viram a um canto da camara aquelle grupo de um ancião entre duas existencias em flôr, mas em flôr desbotada, pendidas, como bonina dos campos, ao lado do velho tronco, que o furação arrancou desde as raizes. Viram aquelle grupo, abafando em gemidos, e passaram como homens que viram muito chorar, e de muito domarem o occeano se disseram que as lagrimas eram indignas do homem.

Deram o ultimo abraço, na scotilha. Já o professor estava no bote com a filha nos braços, quando Guilherme desceu ao beliche, mandando esperar o bote, e voltou com os dois livros in-folio. Desceu a escadinha, entrou no bote, e depoz no regaço de Ellena os dois livros, dizendo:

— Dá-os a teu pai, minha esposa: eram dous amigos delle

que eu lhe roubava.

O velho, em tremuras, ergueu-se a custo, clamando:

« O Tucydides e o Horacio! que é isto, Guilherme?

— Levava-os a pesarem-me no coração ; assim vou mais leve, meu pai.... Ha de ser-me doce o trabalho para resgatal-os.

Guilherme beijou a mão do mestre e de Ellena, e fugio com os olhos turvos, vendo a custo as escaleiras que

subia.

VII.

A quinta carta que o moço escreveu do Rio de Janeiro a Ellena resava assim:

« A minha enfermidade progride. Nem já a diminuição « do trabalho me dá treguas aos padecimentos. Deixei de « leccionar, e consegui passar a melhores ares para a chacara « de um meu discipulo; mas aqui mesmo as dores de peito são « taes, que nem me deixam logar a entreter o espirito na « leitura. Só as tuas cartas me refrigeram; mas essas sei-as eu

« de cór, e as de teu bom pai tambem.

« Fui mal succedido nos meus planos, minha querida « Ellena. Forão sonhos de infeliz. Se Deus me desse saude, « não eram vãos os meus projectos; porém, assim, exte-« nuado, e caminhando aceleradamente ao termo dos meus « infortunios, que heide eu fazer? Seria uma crueldade « chamar-vos, para em breve vos deixar em terra estranha, « onde só o trabalho é bemquisto, e o desamparo uma si-« tuação sem igual na escala dos suplicios.

« E' já certo para mim que não te verei mais, Ellena !... « Dizem os medicos que os ares da patria me restaurariam; « póde ser que o ar que tu respiras me aviventasse; creio-o; « mas de que me serve a vida? Que ia eu fazer ahi nesta po-« breza, desvalido, doente, sem forças, nem já vontade para « trabalhar?

« Desligada estás do teu juramento, Ellena. Não olhes a « minha imagem no teu futuro. Vê-me antes no céo, que o « hei merecido, com a dor paciente, e a funda crença que os « nossos corações unidos recolheram do religioso coração de « teu pai.

« Se a Providencia te der um apoio nesta vida, acceita-o,

« que eu te abenção a resolução.

« Creio que este desapego é já o presentimento de que « tudo se vai desfazendo entre nós, menos o immortal espirito « que, d'aqui até ao céo, te vê em todos os atomos do ar que « me vai matando, e em todas as estrellas que me estão sempre « apregoando o escuro nada desta vida.

« Teu pai precisa de amparo, Ellena, e tu és digna de um « homem a quem elle possa dignamente chamar « filho »

« Não me esqueças, não ; mas não te sacrifiques á minha

« memoria, que eu já não sou senão uma lembrança.... »
Ellena, que lêra em soluços a carta, chegando a este pe

Ellena, que lêra em soluços a carta, chegando a este periodo, soltou um estridente grito e perdeu os sentidos.

(Continua).

C. CASTELLO BRANCO.

Theatro por dentro e por fóra.

1.

A DOIDA DO SITIO.

Vide a pag. 293.

VI.

Aquelle lugar da fonte em cujo banco eu costumo sentar-me, era o passeio favorito de Rita da Silveira e de sua mãe. Encontravam-se ás vezes com Luiz do Couto, e estes encontros repetiam-se mais demorada e amiudadamente desde que a mãe de Rita soube que era elle o pundonoroso e honrado amante de sua filha e que em breve seria seu marido.

Conhecedor Alvaro Paes da assiduidade destes passeios, muitas vezes se fez conduzir por ali na a sua aprimorada traquitana, tirada por uma parelha de magnificos muares. Não estranhava Rita as repetidas passagens do fidalgo: dizia-se na cidade que elle entretinha uma interesseirissima paixão com a filha de um rico negociante inglez, e atribuia esses passeios, a vizitas que elle fazia á sua monetaria namorada.

Um dia.... foi a 14 de novembro. Rita e sua mãe dispunham-se a voltar á cidade, dando por findo o passeio daquella tarde. Eram já cinco horas e meia, e queriam chegar a casa antes de anoitecer, visto que não estava ali Luiz do Couto para acompanhal-as. Ouviu-se o rodar de uma carruagem na ladeira; era a traquitana de Alvaro Paes.

Apenas chegou ao largo, o fidalgo ordenou ao boleeiro que soffreasse os muares e abrindo as cortinas da sege, apeou.

dirigiu-se a Rita e disse-lhe:

— Aprecio encontral-a, minha Sra.; passei ha pouco pelo theatro para prevenir ao camaroteiro que podia dispor do meu camarote para o espectaculo de amanhã, e elle disse-me que talvez não se podesse dar ò espetaculo annunciado em consequencia de ter adoecido gravemente um dos artistas.

— E não sabe qual foi? perguntou Rita.

— O segundo galaā, aquelle rapaz.... chama-se Luiz do

Couto.... me parece....

Rita corria já para a ladeira, quando Alvaro Paes, dirigindo-se á velha que não podia acompanhar tão apressadamente a filha, disse-lhe:

— D'aqui á casa onde me destino é perto, posso offere-

cer-lhes a minha traquitana.

— Rita! — gritou a pobre velha, — vem cá: o Sr. fidalgo offerece-nos a sua carruagem, e assim poderemos chegar á cidade mais depressa.

D. Rita que já não sabia o que fazia nem o que pensava — pobre senhora! — aos gritos de sua mãe, retrocedeu e acompanhou-a subindo á traquitana. Esta voltou á ladeira e

desceu-a a um trote arriscado.

Alvaro Paes seguiu a correr pelo atalho da esquerda. Esperava-o ali o seu escudeiro com dous cavallos á mão. O indecoroso cavalheiro, montou em um e disparou-o a toda a brida. O velho creado quando sahiu do atalho e virou para a estrada do Porto, apenas pôde avistar o amo por entre uma nuvem de pó que se levantava sob as patas do seu cavallo.

Tinha-se dado começo a uma indignidade sem nome!

VII.

No theatro de S. João, fazia-se naquella noite o ultimo ensaio da Vestal, traducção de M. M. Barbosa du Bocage, feita expressamente para o reconhecido talento de Josepha Soares, primeira tragica portugueza.

Erão sete horas.

Ha um quarto de hora que havia começado o trabalho, e já o ensaiador tinha multado Luiz do Couto por ter faltado á sua primeira scena.

Era immenso o espanto dos collegas por a estranha falta daquelle artista, que poderia servir de modello — como cumpridor dos seus deveres — aos mais cuidadosos cultivadores da arte.

Entretanto não tinha comparécido ao ensaio, e a assiduidade passada não dispensava o castigo á falta presente.

Era costume naquella epocha — e desgraçadamente tão reprovavel costume tem chegado até hoje — assistirem aos ensaios denominados « geraes » os amigos da arte e os amigos dos artistas.

Por tuma coincidencia inexplicavel os amigos da arte são—quasi sempre— os inimigos dos artistas, e os amigos dos artistas os inimigos da arte....

Tinha sido por elles applaudido o excellente trabalho de Bocage e a boa execução dos artistas; e já estes em descanso não só commentavam a falta de Luiz do Couto, como tambem estranhavam a ausencia de Alvaro Paes. Alguns demasiadamente escrupulosos (coitados!) aventavam diversas idéas a tal respeito, mas tiveram o cuidado, que todas ellas fossem offensivas a Rita da Silveira!

Sahia o empresario da casa do Guarda-roupa, de examinar o vestuario para o espectaculo da noite seguinte, quando entrou no palco um rapazito, portador de uma carta para elle. O empresario recebeu a carta, e finda a leitura — de pallido — estava quasi branco como o papel que tinha na mão.

Perguntou-lhe alguem que noticia era, a que tanto o mortificava segundo parecia; elle apenas respondeu:

— Luiz do Couto quer divertir-se commigo; mas desta vez metto-o na cadea. E sahiu.

Quasi todos os empresarios teem de vez em quando destas entradas.... que não sei de que são; as sahidas sei eu que costumão ser as do sendeiro.

VIII.

A traquitana em que Rita e sua mãe desciam a rasgado trote a ladeira, que as minhas leitoras já conhecem, atravessou ao mesmo trote todo o espaço do Estalleiro, e enfiou por aquellas esguias e tortuosas ruas de Villa Nova; mas, em vez de seguir pela praia e voltar á ponte, torceu para a rua Direita, e subiu com a velocidade possivel a ingreme cal-

çada que vai dar ao alto da Bandeira.

Apenas Rita da Silveira percebeu que a traquitana não seguia para o Porto, levantou-se e forcejou por gritar. A voz ficou-lhe preza na garganta! A desgraçada senhora tinha advinhado o pezo do infortunio que a la atormentar, e cahiu inanimada nos braços de sua mãe! Esta, que nem se quer suspeitava, —pobre mulher —que a infamia tivesse tão atrevidos sectarios, tratou apenas de acudir á filha procurando reanimal-a com palavras de persuasão e esperança:

- Socega, minha filha, o teu Luiz não hade estar tão mal como tu julgas, confia em Deos, minha boa filha! vamos....

animo.... minha querida Rita!

Ninguem poderia calcular que dentro do tão breve recinto de uma carruagem, coubesse a immensidade do infor-

tunio daquellas duas desgraçadas!

A final a carruagem parou á porta da casa de campo de Alvaro Paes. Este, — attencioso como poucos — apressou-se em fazer correr as cortinas da traquitana e em offerecer o braço á mãe de Rita. A pobre senhora apenas viu Alvaro Paes, julgou-se perto de um bom amigo e cahindo-lhe nos braços lavada em lagrimas, pôde apenas balbuciar :
— Ai! a minha querida filha!

- Socegue, minha Sra., acudiu Alvaro Paes, já vi que a Sra. D. Rita está incommodada, mas asseguro-lhe que nada lhe faltará aqui: tenha a bondade de aceitar o meu braço e fique certa que, tudo hade succeder á medida dos nossos desejos.

O infame praticava o duplo crime de consolar escarnecendo!! Desvairada, sem saber o que fazia, deixou-se a pobre velha conduzir ao interior da casa, por Alvaro Paes, sentindo-se um pouco mais tranquilla quando elle lhe disse :

- Vou agora buscar sua filha, socegue: é este o aposento que lhes cedo para passarem esta noite, e se o incommodo da senhora D. Rita não cessar, aquellas duas creadas me irão prevenir para eu dar as ordens necessarias. E dirigindo-se as creadas, ordenou:

- Que nada falte a estas senhoras; e voltando o attencioso cavalheiro a tranquillisar a pobre velha, repetiu:
 - Não se mortifique; eu vou já buscar D. Rita.
 - Obrigada, obrigada, meu bom amigo!

Alvaro sahiu. Chegando ao pateo subiu á traquitana na qual estava D. Rita ainda desmaiada, e cerrando as cortinas disse ao boleeiro que se havia conservado na sella:

— Depressa, para onde já sabes.

- A carruagem partiu!!

IX.

Emquanto succedia esta serie de desgraças, outras talvez mais fundas, faziam sangrar o coração do pobre Luiz do Couto. Ha maguas que a linguagem humana — conscia da sua inutilidade para tal fim — nem tenta descrever!

Eram destas as que flagellavão o pobre Luiz!

Havia procurado Rita em sua casa; dissera-lhe a creada que ella tinha sahido com sua mãe. Conhecedor do seu costumado passeio, desceu á ponte para esperal-as. Deram sete horas: estranhando a demora, atravessou a ponte. Ao commandante da guarda da cazinha de Villa Nova — cujas relações tratava de ha muito — perguntou Luiz, se tinha visto passar D. Rita e sua mãe. A' resposta affirmativa acrescentou o commandante que ellas ainda não tinham atravessado para a cidade. « Foram embarcadas,» disse comsigo Luiz, e retrocedeu. Voltou a casa de Rita; ainda não tinham chegado. Suppoz que tivessem ido em direitura ao theatro. Foi lá; mas o porteiro do palco respondeu negativamente á anciosa pergunta de Luiz. Foi então que elle, sem saber como traduzir tão estranho incidente, como que perguntou ao proprio coração, o que seria feito de Rita?

Julgou prever a explicação de uma grande desgraça, quando a sua razão esvaecida acreditou que o coração lhe

respondera:

— Não procures mais a minha Rita! Do abysmo em que

ella cahiu só a póde levantar a mão de Deus!.....

Luiz, recolheu-se a sua casa. Os tormentos que flagellaram aquelle desgraçado, até o forçarem a escrever ao seu emprezario explicando-lhe a impossibilidade de trabalhar na noite seguinte, só os poderemos descrever quando a linguagem humana souber traduzir a tormentosa agonia do impio!

Limitamo-nos a asseverar que o sol que allumiou o dia 15 de novembro de 1818, mostrou aos olhos de muitos, trez infelizes destinos!!

Rita, era uma desgraçada! sua mãe uma louca! seu amante um suicida!

Sobre a mesa do trabalho, deste infeliz artista, encontraram os amigos delle uma carta que terminava assim:

«esquece-me pois: a desgraça tornou-me indigna de ti; e de mim! » RITA.

O empresario não levou Luiz do Couto á cadeia ; acompanhou-lhe o cadaver ao Prado do Repouso!!

Quando José Rodrigues acabou de contar-me a infiada de desgraças que eu tentei agora descrever, voltou-se para a parede e calou-se. Passados instantes disse-me:

— Vá deitar-se, meu amigo; amanhã, quando o acompanhar á cidade, lhe contarei o resto.

Subi em direcção ao meu quarto.

X.

Pouco é o que resta a contar. Tudo o que por ahi abaixo vai escripto é apenas o simples resultado do que me contou o bom José Rodrigues, e do que mais tarde eu pude averiguar. Precipitarei o desfecho e o principal motivo porque a isso me obrigo, é a dolorosa impressão que soffro, sempre que esta triste historia tenta reviver nas minhas já bem tristes recordações!

Tempo depois, quem passasse pelo nosso já conhecido Largo da Fonte veria sempre sentada naquelle tosco banco de

pedra, uma pobre douda que pedia esmola.

As raparigas do Candal que são travessas — como as que mais o são — faziam, sempre que passavam, um côro de perguntas á pobre mulher; côro que só terminava quando todas se capacitavam que não obtinham d'ella outra resposta senão o seu silencio e as suas amarguradas lagrimas.

Um dia — vespera do natal de 1820 — passava um rancho de dobadeiras a buscar á cidade as meadas de seda e os aprestos para a ceia daquella noite. Grupáram-se em volta da

douda e disparáram-lhe este tiroteio de perguntas:

Quem é voce, tiazinha?Quantos annos tem?

- Donde veio?

- Onde mora?

A douda callava-se e chorava!!!

Uma das raparigas, mais azougada e impaciente que as outras, perguntou um tanto desabridamente:

— Diga-nos ao menos o que faz aqui, tia velha?

A douda respondeu:

- Espero por minha filha!...

- As raparigas dispersáram: algumas seguiram pelo atalho da direita, julgando poupar caminho se descessem a Santo Antonio do Valle da Piedade; as outras dirigiram-se á ladeira.
- A que horas virás tu da cidade, Margarida? perguntou Roza, que descia pela ladeira, á outra que tinha tomado pelo atalho.

— A's tres, respondeu Margarida.

— Então espera-nos ahi para entrar-mos juntas na aldeia.

— Ahi ?... mas ...aonde ? — Ahi... no Sitio da douda.

A desgraça d'aquella pobre velha tinha assim chrismado o antigo Logar da Fonte.

XI.

Faz favor de me dizer se estarei muito longe de Villa Nova? Perguntava, em uma fria manhã de setembro na estrada real de Coimbra ao Porto, uma bem mal enroupada velha, ao Sr. José do Tabaco, honradissimo recoveiro entre Coimbra e Porto.

— Ainda preciza palmilhar duas leguas bem puchadas; estamos a entrar nos Carvalhos.....

— Deos me dê forças!

— Você fica em Villa Nova, ou segue para o Porto?

- Não senhor: heide ficar no alto de Villa Nova, se tiver

pernas que me levem até lá.

— Socegue que eu faço com que as dispense: retrucou José do Tabaco, apeando-se do seu possante macho, ao qual elle appelidava — o vermelho. —

— Eu dou-lhe um logar entre a carga deste macho; irá

ali melhor que n'uma liteira.

— Deos lh'o pague! respondeu a velha deixando-se collocar como lhe indicara o recoveiro.

— Você é do Porto? perguntou José do Tabaco.

— Sim senhor ; lá nasci... vae fazer.....

- Mais de cincoenta annos, atalhou o bom do homem.

— Sim, hade haver mais de cincoenta annos, confirmou sorrindo amargamente, a pobre senhora.

Ao cabo de duas horas de silenciosa jornada, disse José

do Tabaco á mendiga.

— Se quer poupar uma boa caminhada, siga por este atalho que vai findar mesmo no Logar da Fonte.

— Muito obrigada : aproveito o seu conselho.

José do Tabaco, tomando-a nos braços, apeou-a do macho e dando-lhe uma avultada esmolla, disse-lhe:

— Vá com Deos, boa velha!..

- Deos o ajude, respondeu a mendiga.

E seguiu cada um o seu caminho.

Quando Rita da Silveira — que outra não era aquella desgraçada — chegou ao fim do atalho... que viu aquelle logar onde tantas vezes tinha praticado de amores com o seu Luiz.... onde lhe tinha aparecido o anjo da infancia com o sorriso do mais esperançoso futuro.... onde tantas vezes tinha forjado em seu coração sonhos de amor e de gloria..... ajoelhou e rezou!

— « Oh! Deus! o instante de felicidade que sinto, é a mais irrevogavel prova da tua bondade infinita! Em tres annos sem fim, de martyrios sem conta, seja-me balsamo ás chagas do coração, estas, as mais doces lagrimas que me tens feito derramar, oh! Deos de infinita bondade, de misericordia sem tim! Impellida ao abysmo pela mão vigorosa da mais negregada infamia, caminhei por sobre espinhos! trago as carnes dilaceradas! .. mas a minha alma é tua, oh! Christo...

Uma estridente gargalhada interrompeu a fervorosa oração de Rita.

— Quem será aquella desgraçada, disse Rita levantandos-, cuja loucura se annuncia naquella tão aspera rizada?

Passava alguem. Rita aprximou-se ao viandante e pergunou:

- O senhor sabe dizer-me quem é aquella mulher que está ali sentada?
 - Ah! aquella? caitada! é a Douda do sitio.

XH.

Rita sentou-se do outro lado da fonte. Passaram algumas horas sem que se ouvisse outro rumor alem dos gemidos suffocados de Rita, e das rizadas estridentes da douda! Pouco depois viram-se subir ao ar girandolas de foguetes, e ouviram-se os repiques dos sinos da igreja de Santa Marinha. Passados alguns instantes ouviu-se o rodar de muitas carruagens que se aproximaram e atravessaram lentamente o sitio da douda para descerem pela ladeira.

Em quanto o prestito passava, a douda occupou-se em apanhar quantas pedras podia conter no regaço, com sofre-

guidão espantoza!

Rita, contentou-se em estender a mão á caridade dos

ricos que passavam!

Quando a ultima carruagem já rodava sobre a ladeira, a douda, tremendo freneticamente, começou a descarregar as pedras ás mãos cheias, por sobre os trens.

Era este o seu costume quando por ali passava alguma carruagem; mas desta vez, gritava a pobre, coitada, que fazia dó.

— Ladrão! dá-me a minha Rita, ladrão! dá-me conta da minha filha! O que fizeste da minha Rita?

Não pôde acabar! a pobre douda quasi que suffocava en-

tre os bracos de sua filha!

Depois de muito esforço, pôde prender a cabeça de Rita entre as suas mãos, e fitando-a ávidamente e por longo tempo, disse por fim:

- Ai! eu conheço-te ... eu bem te conh ço ... tu és

a minha querida filha!! e cahio-lhe nos braços.

Instantes depois Rita, apenas abraçava o cadaver de sua mai! aquella desgraçada velha cobrou a razão para perder a vida!! ...

As carruagens que passavam, conduziam os convidados a um faustozo cazamento que se acabava de celebrar na Igreja Matriz de Santa Marinha de Villa Nova de Gaia.

Os noivos eram Alvaro Paes, e a filha de um rico negociante inglez.

XIII.

O cadaver da Douda do sitio foi sepultado na pretica ermida do Senhor d'Alem.

Um decreto do Governo que mais tarde prohibio as sepulturas dentro das Igrejas, fez com que o cadaver de Rita (daquella Rita a quem o bom José Rodrigues tantas esmollas deu, e para quem terminou em 4845, esta triste peregrinação chamada vida) fosse sepultado no Prado do Repouzo, no mesmo Cemiterio onde jaziam os restos do desditozo Luiz do Couto!!

O acazo juntou depois de mortos, aquelles que um tão grande infortunio tinha separado em vida!!

CONCLUZÃO.

Em 1858 perguntava eu ao Emprezario do Theatro de S. João do Porto. quem era um mal arranjado velho (com quem eu sem saber porque antipathisava muito) que vivia do producto das senhas que vendia á porta do theatro nas noites de espectacul).

_ É o Gaiteiro.

- Mas, quem é o Gaiteiro?

— E' um homem que foi muito rico, mas que de dissipação em dissipação, de vicio em vicio, de desgraça em desgraça, desceu á bonita posição que tu vês.

- Mas, se não te explicas, fico sabendo tanto como antes

de dirigir-te a primeira pergunta.

— Ora quem não conhece o Gaiteiro?! é o fidalgo de Villa Nova, o Alvaro Paes!

Rio, 15 de Dezembro de 1862.

A. MOUTINHO DE SOUZA.

DINHEIRO!

(Continuação de n.º 8.)

XV.

Sendo só minha lei o « quero e posso », Sem jamais encontrar quem valha tanto, Direi aos reis da terra: « O poder vosso Vai agora ficar mettido ao canto. Quando eu solte do cofre o peso grosso, (Que pelo mundo todo faça espanto) Pasmarão de meus feitos singulares De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI.

Para os pequenos, orgulhoso e fria, Para os grandes, fidalgo afgurado, Entre gentios eu serei gentio, Entre christãos, ás crenças inclinado; E, por mais estender meu senhorio, Ao pai, que de bom dote aparelhado Adorne o feminil pimpolho tenro, Irei, ufano, impôr-me para genro.

XVII.

Descreverei a olympica morada, Com soberbo exterior, salas famosas. E nas paredes, sobre a cor dourada, Pinturas de batalhas sanguinosas, Onde seja, pela arte, renovada A época das armas valerosas; A' noiva promettendo, em tenra idade, Gosos que os anjos teem na Eternidade.

XVIII.

Direi que o tempo se deslisa lento Entre as grandezas que os mortaes desejam; Que é tardio da morte o attrevimento Contra os humanos que opulentos sejam; Que a seu lado, a travez do salso argento, Farei que estranhos no fastigio a vejam: Que a seus pés abatido o mais irado, Meu poder pelo amor queira invocado.

XIX.

Desses que pela gloria navegavam, De si meigas esposas apartando, E livres, longe d'ellas, respiravam, Bochechas infieis ao vento inchando, Direi que máus consortes se mostravam, Relações conjugaes, sem fé, cortando; E que as juras ás damas consagradas, Pelo vicio não devem ser cortadas.

XX.

Presa a dama, e seu dote luminoso,
O trilho seguirei da altiva gente,
E o triumpho cantando, glorioso,
Irei — só — viajar todo o Oriente;
E assim, dourado, a relusir formoso,
Com ouro e com audacia junctamente,
Conquistador serei, qual deus Tonante,
E nas guerras de amor um novo Atlante.

XXI.

Deixarei á mulher um regimento, Para mais não gastar do que fôr dado; Sem ter em simples goso o pensamento, Se não quizer, na volta, ver-me irado; Livre só eu serei: — nem um momento Vive de amor meu peito congelado; Se existe essa loucura, eu não sei onde, Sei só que na minha alma não se esconde.

XXII.

Mostrarei que de mais eu era dino, Como digno de Venus foi Vulcano, Ella, a deusa do Oceano crystallino, Elle, entre monstros, monstro soberano Que o dinheiro no mundo é ser divino, Como a virtude preconceito humano:

— Quem têm d'ouro a corôa rutilante, A fronte curva só ao diamante.

XXIII.

Em lusentes assentos marchetados,
Uns loucos eu já vi, que um dia estavam
D'orgulho a rebentar quando, assentados,
Sobre cousas de letras concertavam:
Outros, vaidosos, no trabalho honrados,
Ao pé dos litteratos se assentavam:
— Eu, com riso nos labios, fui dizendo:
Sois pobres! E' defeito grave e horrendo!

XXIV

Eternos moradores do lusente, Estellifero polo, e claro assento, Somos nós, que passamos entre a gente, Metal á vista, occulto o pensamento: Eu só penso, e só vejo claramente Como é dos Fados grandes certo intento, Que pelo ouro se esqueçam os humanos De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.

XXV.

Já de mais tem o mundo concedido Dos sabios ao congresso tão pequeno; Que um discurso, de imagens guarnecido, Tão pouco importa como um verso ameno: Ninguem é respeitado, nem temido, Quando a pé, pelo chão, marcha sereno; Ouro, e mais ouro, que elevando á gloria, Sobre a penna, que é d'aço, tem victoria.

XXVI.

Falla de um tal Camões a fama antiga,
Da voga que os seus versos alvançaram,
De um olho que furou gente inimiga,
Nessas guerras que tanto se affamaram;
Mas... coitado!.. cahiu, que a fome obriga,
E nem os cantos seus o alevantaram;
Pouco mais aqui foi que um peregrino,
E bem magro subiu ao ser divino.

XXVII.

Corria o mundo todo, commettendo Mil desvarios de cabeça leve, E, quando o premio vil ia temendo De quem, sem ouro, a figurar se attreve, Por um olho viuvo pouco vendo, Temendo a inteira escuridão em breve, Andava aos tropeções, em vã perfia, Sem saber se cra noite, ou se era dia.

XXVIII.

E curvado ao poder do Fado eterno, (Cuja alta lei não póde ser quebrada)
Não teve a protecção d'alto governo,
Nem nas casas bancarias teve entrada:
Bom ponehe não tomou no frio inverno,
Para animar-ihe a vida trabalhada;
E agora? — Leve a terra, ao menos, seja,
Se leve, qual foi cá, ser lá deseja.

XXIX.

Chorava, ao recordar feitos passados, As perdidas viagens, e os perigos, Em que os braços cançou, exp'rimentados Nos sopapos que deu nos inimigos; E destes vendo alguns agasalhados, Só em finaes de cartas teve amigos; Nem desses que cantou, da altiva frota, Souberam filhos applanar-lhe a rota.

XXX.

Se ás verdades amargas que dizia
Não encontrava o premio respondendo,
E' que o povo d'então não differia
De nós, que damos tudo... recebendo.
Nem o louvor seu fado consentia,
Que lhe davam, seu genio conhecendo:
Quiz gordo fradalhão, lá no Oriente,
Tornar-lhe o poema em pó, cegar a gente.

(Continua.)

F. X. NOVAES.

J.M.

ADEUS!

Et qui sait souffrir et se taîre S'éloigne de vous en pleurant, Alf. DE MUSSET.

1.1:30

Amo-te, sim | E fui mudo Quando livre, a-sós comigo, — Livre de todos, de tud, — Cedias, anjo, ao perigo De uma louca tentação, Como ás auras cede a roza, E as chamas a maripoza, E aos teus olhares, formoza, Se entregou meu coração. Amo-te, sim, e adorei-te Quando, em meio do delirio De ternura e de paixão, Não sei que dor, que martirio Que receios, que alegria, Que doce melancolia, Que terna contradicção Misturavas em teus beijos Que languidez, que servor, Que minorava os desejos E redobrava o amor.

Amo-te, sim! ora o digo, E t'o confesso, e t'o juro, Que o meu affecto é mais puro, Que já não devo comtigo Ser o que fui . E o que foste Já não és . não, para mim! Amo-te, sim

Sé feliz! Meus pensamentos Voarão com a saudade Para ii; — n'esses momentos Em que o fel da sociedade M'os não postergue. — Ai! adeus, Alma, vida e sonhos meus! Se um dia um beijo, um só beijo, Trocarmos inda, Maria, Matemos n'elle o desejo, Este fogo que allumia, Que nos queima e nos devora. Como o sol, apoz a aurora, Queima a acucena e o jasmim Por enxugar-lhes o pranto. Ai, adeus! Por ti, por mim, Choro ao quebrar d'este encanto, Que morre assim!

Lisboa — 1862.

ERNESTO CIBRÃO

AO BRASIL.

Salve, grande nação, brasileo povo!

Vem dar-vos nova lyra um canto novo,

Sincero e não servil!

E' pura a voz de um luso expatriado,

Que chora, de saudades traspassado,

Nos braços do Brasil!

Cessem caprichos vis, odios impuros, Que ergueram entre nós altivos muros, Na escuridão fatal! Já surgiu do progresso a nova aurora, São livres, são iguaes, irmãos agora Brasil e Portugal!

Fôra destino tal por Deus previsto; Oramos, desde o berço, aos pés de Christo, A Christo ajoelhaes: Seguimos na existencia os mesmos trilhos; As crenças que ensinaes a vossos filhos Já vem de nossos paes! Na lingua de Camões, Caldas cantára; Nas vozes que Bocage ao ceo fallára, Ao ceo fallou Durão: Bradar podemos ambos: — Liberdade! — Em fraternal consorcio de amizade, N'um aperto de mão.

E agora, que o Brasil, da paz no goso, Ao ver o despotismo erguer-se iroso, Chorava, em languidez, A dor que vossas almas cruciava, Tambem, pungente, o coração rasgava No peito portuguez!

E o leopardo feroz, ardendo em sanha, Na brutal ousadia, já tamanha, Raivoso encrudeceu; E a prudencia julgando covardia, Pisando alheia terra, á luz do dia, Bramon, ragiu, mordeu!

E o povo despertou, e alcando a fronte, Vio no — limpido ceo — patrio horisonte, Negra nuvem pairar; E ergueu do patriotismo o facho ardente, E quiz, n'um vôo altivo, e independente, A nuvem dissipar!

Era a voz do oceano impetuoso, Era a voz do trovão, rugindo iroso, Era o arranco da dor: Era a voz do dever contra a cobiça, Era a voz da razão e da justica, Era a voz do Senhor!

Quadro famoso, magestosa scena Quando, de tarde, com a brisa amena, Livre, o brado voou; E a fera, reprimindo a natureza, As garras encolheu, largon a presa, E humide se curvou!

1)

E o povo, já suspensa a audaz carreira, O symbolo depôz, patria bandeira, Que fôra guia e luz; E voltando, tranquillo, aos doces lares, Entoava, em seus placidos cantares, Um hymno á Santa-Cruz!

Vingança não sonhou, que o povo luta,
Palmo a palmo, o que é seu, firme disputa,
Morre, se não vencer:
Triumphante, protege o que é vencido,
E nos braços ampara, commovido,
Os restos do poder!

No remanso da paz, brando e singelo, Contra os tyrannos, em valor, modelo, Na victoria leal, Pela fé, pelos seus, grande, colosso, Outro povo só ha, que irmão é vosso, No meu berço natal!

E esse povo, nas lides esforçado,
Como agora, o vereis a vosso lado,
Contra nova aggressão:
— Bradar podemos ambos — Liberdade —
Em fraternal consorcio de amizade,
N'um aperto de mão!

Janeiro 10-1863.

M. Reis Fojo Seabra.

A MANCENILHA.

(Comedia em 1 acto do Sr. J. Ferreira de Menezes.)

O Athenêo Dramatico procura aclimar entre nós as phantasias theatraes de Musset e Feuillet. O que devemos pensar de semelhante tentativa? O publico tem educação bastante para comprehender a comedia de sala? O proverbio poderá levar-nos á alta comedia? A sua influencia é real, ou ephemera como a do folhetim? Presta-se a lingua portugueza ás tentativas dos Srs. Machado de Assis ou Menezes?

Eu sou admirador sincero do chiste delicado e dos engraçados equivocos de Musset, mas creio piamente que nem todos lhe podem achar sabor e lição; é necessario modificar idéas e gosto, e não estar ainda n'esse ponto em que o homem, tendo começado pelas intuições simples naturaes e sentidas, descamba, e admira as brutaes emoções da vista e do ouvido.

Mas no theatro, alem da multidão, ha mulheres e homens. Para agradar, ou pelo menos contentar a todos, é preciso sensibilidade e paixão, igualdade de caracteres e firmeza na acção, pensamentos grotescos e situações esdruxulas. Assim o drama falla ás mulheres e homens, e o vaudeville acena aos instinctos populares. Quanto á comedia philosophica, util por largos e verdadeiros desenvolvimentos, morreu ha muito. Os talentos modernos pertencem á industria, não ás artes; por isso dramatisam os acontecimentos momentaneos, os escandalos: satisfazem assim a curiosidade, e, deixando antever o nome proprio, cansam até bem pouco as perspicacias criticas.

Apezar do limitado conhecimento que tenho da lingua não a supponho capaz de traduzir as reticencias com limpesa e fineza. Em despeito de toda a sua riquesa a nossa lingua não se presta como a franceza á phrase de sentido duvidoso. Mas suppunhamos que um author se entregue a profundas indagações philologicas, que não estude só a parte mechanica, isto é o emprego mais ou menos variado das palavras, mas a origem dos vocabulos, a sua etymologia, que á força de paciencia adquira um estylo opulento e conciso, saiba o que vai dizer e como o diz, que finalmente aproprie a lingua a todos os caprichos da phantasia. Um homem que adquirisse semelhante resultado, tornava-se até um pensador original, e coim toda a certeza não ia empregar o resultado de tantas vigil as nas futilidades do proverbio, que pela sua mesma naturesa não se presta aos rasgos dos espiritos superiores. Semelhante homem não se occuparia com os fenomenos fugitivos da vida, nem com a superficie brilhante, mas commum, das paixões; elle saberia que as destilações espirituaes só tem merecimento momentaneo, e não são compativeis com os sentime ntos fortes, unicos que no meio das miserias moraes, nos dão uma vaga lembrança da perfeição divina.

O nosso publico tambem não pode comprehender perfeitamente o proverbio dramatico. Não tem a precisa educação. Certamente o riso não lhe desagrada; mas se os autores pertendem ser entendidos, salguem com sal grosseiro e picante, não com sal attico. O publico aprecia as imagens disparatadas, palpaveis por assim dizer, mas desdenha os mimos lindamente indecisos do Sr. Machado de Assis. A sua educação litteraria formou-se com o melodrama, porisso elle só deseja enredos, peripecias, preocupações, ou gracejos de criadagem. Ora se muitas cabeças mesmo cultas, passam desapercebidas pelo choque de palavras do proverbio, só por que não tem rapidez de percepção, o que não acontecerá então á multidão menos letrada? O publico bate palmas ao proverbio porque não tem espontaneidade, não julga como lhe segreda a consciencia, mas pela opinião do visinho; é uma questão de amor proprio; no tempo de bravatas pullulam as capacidades.

O publico applaude, assim como vai ao Lyrico dormitar

durante a representação da Favorita.

O proverbio dramatico tem contra si a lingua e o publico: qualquer que seja o talento dos seus cultores nada receio da sua influencia. Estamos ainda na infancia da arte: só nos podem agradar manifestações de força audaciosa, embora não tenham senso commum. Da infancia á adolescencia ha

ainda largo espaço à caminhar.

O assumpto da Mancenilha é muito simples e delicado. Restringe-se a um marido passivo, uma mulher com um numero de affeiçoados pouco inferior aos milhões de estrellas do ceu, e arêas do mar, e a sánta creatura de um primo, que es traz ao bom caminho. O marido, quando solteiro, era intelligente, activo, forte, energico; mas casou-se, dormiu á sombra da mancenilha e perdeu à intelligencia, a energia, a fortaleza, a actividade. A composição do Sr. Menezes revelanos, alem da indecisão de caracteres, falta de convivencia intima com a sociedade: julgou-a talvez pelos seus sonhos de mancebo.

Admittindo de boamente, que o casamento aos desoito annos com uma leitora de Sand e Sue, enerve, não ha entretanto explicação para as repentinas conversões. O anexim popular não é só explicito, é tambem verdadeiro. Se o marido durante annos se identificou com a existencia occiosa, não serão as declamações puramente banaes de Ernesto, nem as lagrimas de sua mulher, que o converterão á vida activa. Nas epochas em que os sonhos diffusos, ou as analyses imperiosas dos affectos, dominam a actividade phisica, a vida esteril deffende-se com tanta firmeza, como a existencia, contra o suicidio. Appelidamol-a a melancolia, e vemos n'ella

até um signal de distincção, que nos separa das almas vul-

A mulher desmente no correr da acção, as convicções intimas. Está no entanto em perfeita relação com o priminho, o qual, como todo o bom Desgenais, declama, irrita e não commove, não se mistura nem toma parte no enredo, porque

é simplesmente devoto da palavra.

São porem nacionaes semelhantes typos? N'este paiz onde o clima e a facilidade da vida convidam á indelencia, encontram-se semelhantes situações? E' licito duvidar. A religião do trabalho é uma realidade, e quando Deos nos diz que comeremos o pão diario, com o subr do rosto, para que hade vir a comedia acenar ás almas apathicas, e tocal-as tanto mais, quanto o correctivo é sempre fraco? Falta á Mancenilha o personagem venerando que responda á parte espiritual de todo o homem. Por quem nos devemos nos interessar ? Victor faz convergir a attenção para si; mas, empregando so mesquinhos palliativos, fica isolado. E' para lamentar que o author no interesse dramatico, não pozesse em luta séria a mistura de occiosidade, orgulho, leituras, idéas e aspirações romanticas da protogonista, e que o desejo de não calumniar a bondade feminina o levasse a uma conversão, sem os merecimentos da resistencia, sem os perigos do combate, sem a luta com o dever, sem pelo menos, mostrar-nos quanto as ideas convencionaes contribuem para nullificar a noção do justo e injusto. Dissertações moraes valem tudo nos livros e na solidão do gabinete. A poesia de Margarida empallidece, porque não é deffendida com a convicção da legitimidade. Creio sinceramente que na noite de 17, todos os espectadores do Athenêo acreditavam que as mulheres são presadas sempre com distincção pelos homens a quem se ligaram. O que prova isso?

A Mancenilha tem no entanto o merecimento da unidade de estylo, merecimento sempre valioso, e rarissimo nos principiantes que aproximam ordinariamente modellos oppostos. Se porem o estylo é uno, não é inteiramente bom. O luxo de imagens, as comparações demasiadas, as stores, os tropos, levam a phrase para regiões nebulosas. O bom estylo, creia-o o Sr. Menezes, não está na abundancia de imaginação, na sciencia dos adjectivos, nas alternativas de vivacidade e decura, energia e brandura, duresa e molesa, com que muitos procuram quebrar a monotonia: o bom estylo dramatico especialmente, está sempre no impalpavel do dialogo, na palavra propria, na energia e concisão. E' preciso deixar o es-

•

pectador advinhar muita cousa, fazel-o pensar, e suppol-o até illustrado. E' justo que o author exponha os seus pensamentos com claresa; mas se a leva até á profusão, se mata no auditorio o pensamento intuitivo, até os homens instruidos, que não vão por divertimento ao theatro, não lhe acceitam a esmola.

A critica, sob pena de ser injusta, não póde exigir de quem estreou hontem, o que pede ás capacidades acceitas e reconhecidas; mas tambem não póde queimar incenso com profusão; causa vertigens. « O author da Mancenilha, merece todas as sympathias e tem direito a ser recebido no seio da litteratura dramatica. E' assim que o applando e saudo. Entenda-se porem uma cousa; nas minhas observações litterarias nunca levo a pertenção a critico. Tal não me supponho, mercê de Deos. A critica é uma missão que exige credenciaes valiosas, de cuja mingua me não corro de vergonha em confessar, como não tenho vaidade em referir as pouruissimas cousas que sei. »

E. LIMA.

Do Amor nas Lendas pagas.

II.

AMOR GENEROSO.

Celeste virgem da noite! melancholica romeira que percorres solitaria os ermos do ceu azul! A ti as adorações do amante que tenta decifrar futuros na luz mysteriosa dos teus frouxos raios. A ti o culto do sentimento de quem se extasia na contemplação do espirito divino adormecido ao sopro das ventanias na floresta.

A Lua amava o pastor Eudymião. Era um amor dedi-

cado, não calculava a paga da dedicação.

Ella, modesta amante, bem sabia que o objecto dos seus cuidados, fatigado dos trabalhos do día, adormecendo na gruta de Lathmos, se sentia inebriante o goso do amor, não se affligia por conhecer a donzella que, ás horas mortas da noite, vinha verter-lhe no seio o nectar delicioso. E entregava-se comtudo, e dava-se toda, anciando no delirio d'essa paíxão que era todo o seu ser, a idéa unica, o sentimento exclusivo de sua vida inteira.

Quando a naturesa quedava, quando desde muito os derradeiros clarões do poente já não allumiavam as serranias azues, e o rebanho repousava na relva macia, vinha a Lua da região das espheras lusentes, e inundava d'essa meia-luz tão propicia aos amores os rochedos de Lathmos. Que lingua humana poderia traduzir, que entendessemos, o poema

d'essas noites veladas no offegar da paixão?

Mas ahi não parava a solicitude da bella enamorada. Esse amor devia ser fecundo: é o espirito da legenda, é o espirito do povo que a concebeu. Eudymião não tinha só a ventura dos sonhos lindos, era o mais afortunado dos pastores do paiz. Nunca se desgarrou uma ovelha sua, nunca despertou em sobresalto aos uivos do lobo voraz. O rebanho multiplicava-se a olhos vistos. Era uma prosperidade de fazer inveja aos que não partilhavam n'esses favores do destino.

Entretanto o destino era ella, a amante desvellada, que dando tudo na amplitude do amor, ainda cuidava nada ter

dado, e fazia crescer e render a fortuna do amado.

Essa é a amante que nos dá a bemaventurança na terra. E' a melhor porção, dimidio pars, de nossa alma. E' a alegria do coração, é a felicidade do lar. Perfumae-lhe os pés com essencias da Arabia! entrançae seus cabellos de lyrios e rosas, vés que passaes nos meandros da vida ao lado da mulher generosa como a Lua de Lathmos! Ella tem a fronte cingida da dupla aureola da bellesa e da castidade. Idealisai-vos na contemplação d'essa bellesa celeste! Bebei a vida n'esses olhos timidos, mas tão cheios de luz!

A lenda desperta uma reflexão.

Ha na educação da mulher da sociedade moderna um deploravel preconceito. Occulta-se ás meninas o que ellas fatalmente anhelam por conhecer, porque é uma necessidade da sua organisação toda nervosa. A palavra amor, o verbo do coração da mulher, é pronunciada em voz baixa e a furto.

A menina que tem attingido certo grau de desenvolvimento physico, experimenta necessidades moraes, que a mãe devia definir-lhe. Tudo ignorando, torna-se timida, e o resultado é o seguinte: Quando chega a vez de escolher marido, a timidez acanha-a, e ella receia amar o noivo presente, porque só lhe ensinaram que deve estimar o marido futuro.

Ella ama; não póde entretanto, confessar o seu amor. E' n'isto que consiste o pudor, este perfume das almas bem-nascidas? Não, isto é acanhamento, é uma lucta esteril e ingrata entre a naturesa e a sociedade. A alma cança, afadiga-se

o corpo, o systema nervoso cahe na prostração consequente dos abalos da exaltação, e n'esse viver atrophiado exhaurem-se as fontes da fecundidade.

Oh! quando brota por todos os póros a seiva da mocidade, deixai que o peito resfolgue nas expansões do amor. « Sê casta como a pomba, e prudente como a serpente » disse á mulher o poeta dos Canticos. Elle teria ainda dito se conhecessse a lenda da theogonia: « Sé generosa e desvelada como a Lua, que acariciava o amante na mysteriosa gruta de Lathmos. »

MACEDO SOARES.

CHRONICA.

Rio, 31 de janeiro de 1863.

Houve sempre incucia em fazer o Brazil a sua propaganda na Europa, conveniencia facil de comprehender por todos, mas que o governo nunca comprehendeu ou tratou por alto. E' cabido portant) mencionar com louvor a fundação do Brésil, jornal escript) em francez pelos redactores da Actualidade, e publicado á entrada e sahida dos paquetes transatlanticos. Trata-se de se nos apresentar na Europa com imparcialidade è justica; os redactores da Actualidade nao deixam duvida alguma a este respeito e ha até a esperar muito delles. Partindo de alguns cuadãos, esta medida, que o governo devêra iniciar, ha de produzir mais effeito do que se partira do governo. E positiva a differença que vai da propaganda por convicção e por amor do paiz, á outra propaganda menos espontanea embora tão convicta.

O Brésil entra no 3º numero á hora em que escrevo. As empresas desta ordem merecem ordinariamente os sorrisos da incredulidade, attento o exemplo mais que muito repetido, de não passarem, como as creanças mofinas, do periodo de dentição. A Actualidade, porém, póde attestar a força de vontade dos redactores do Brésil. Começada no anno de 1857, atravessou ella cinco annos sem descorar diante das difficuldades, e dando um grande exemplo de perseverança. O irmão mais moço da Actualidade não ha de ser menos opulento de vida e de tenacidade

Um dos ultimos paquetes trouxe um livro portuguez, que na sua patria teve grande acceitação, graças principalmente ao assumpto de que trata. E' a parodia do D. Jayme, feita pelo Sr. Roussado, intitulada Roberto ou a dominação dos agrotas. E' um verdadeiro poema comico? Não; não se póde dizer isso na litteratura que possue o Hyssope, e as satyras de Tolentino, que são outros tantos poemas; mas, como amostra de um poeta de futuro, acho que deve de ser lido o Roberto. O Sr. Roussado mostra ter facilidade, e algumas vezes graça na locução; mas à designação de poema heroi-comico só poderia caber ao hvro, quando todas as condições necessarias ao genero estivessem preenchidas; no poeta comico devem concorrer qualidades tão superiores como no poeta epico, porque ambos es generos se tocam, e daqui vem chamar Victor Hugo ao D. Quichote a Illiada comica. Estas qualidades superiores não se nos descobrem no Roberto. Todavia, occultar o que o Sr. Roussado tem de bom, fora injustiça clamorosa; já assignalei a facilidade e graça do seu verso, accrescentarei que alguns pedaços do poema de D. Jayme foram parediados com acerto e certa originalidade.

No Atheneo e no Gymnasio deu-se uma comedia em 3 actos de Lambert Thoust e Theodore Barrière. E' uma composição burlesca, mas verdadeira mente chietosa, rheia de interesse e de lances comicos, trazidos com se crificio de verosimilhança, mas tratados com uma verve in regotavel Uma critic que não for muito exigente pode até achar no caracter de Pincebourde algui estudo. O desempenho no Atheneo, onde a vi, pareceu-me, certas reserva

de parte, muito sasisfactorio.

Para terminar a historia da quiazena perguntarei ao leitor: — Conhecuma arvore, que Allah poz em Java, como diz o Jão, por nome mancenillu tão malefica que dá a morte a quem procura a sombra della? O nome d'essa au vore, tomou-o para tatulo de uma comedia em um acto, um joven estreante a carreira dramatica, o Sr. J. Ferreira de Menezes. Qual é o objecto symbolisad no arbusto aslatico? É o casamento, não na sua expressão absoluta, mas a pratica especialissima da união de um rapez incauto com uma muiher fria vaidosa, preferindo as rendas e o carmim ás santas caricias do matrimonio Que assumpto commum! é a historia de todos os dias, dirá o philosopho im berbe ou o marido nas mesmas circumstancias. Seja embóra : commum não de certo a comedia do Sr. Ferreira de Menezes, onde se perdoam as faltas ao pa das muitas promessas e algumas boas realidades.

E' evidente que um casamento nas condições apontadas não podia ser es tudado em todas as suas phases, dentro dos limites de um acto. O Sr. Werreir de Menezes não quiz mais que traçar uma silhouette, sem pretenção a fazer ur estudo, o menos profundo que fosse, da hypothese que figurou Para apreciar obra do Sr. Ferreira de Menezes é preciso não perder de vista esta circums

tancia.

Mas esta circumstancia livra-o de culpa e pena? Sou amigo do poeta, tenho, portanto, dous motivos para dizer francamente que não. Por desambi ciosas que fossem as suas intenções, ha condições rigorosas a que o poeta não s podia esquivar, e essas, entre os quaes avulta, a de precisar e definir os caracteres não as teve o poeta como essenciaes. Talvez que, desbravada a comedia das ima ginações e phantazias, appareça uma ou outra feição característica das persona gens, mas como ir procural-a atravez de tanta folha e flor enredada, ao caprich de um peresamento ainda não regulado pela arte?

O que resulta, é que o expectador, sem deslembrar a linguagem pouco amo rosa de Margarida, não acha em resumo que houvesse motivo para as lamenta ções de Victor e as predicas de Ernesto; por quanto ha uma cousa a notai Margarida é mais mancenilha pelas asserções de Ernesto e Victor do que po seus proprios actos; e quando na scena de conversam ella se defiende tornando-se accusadora, se o expectador lhe não dá razão, tambem não dá razão.

ao poeta.

Este inconveniente, junto ao de scenas muito longas, tiram á peça, não interesse do espectador culto e paciente, mas o interesse da massa geral do pu

blico, com o qual se deve contar.

Feitos estes reparos, cumpre-meaccrescentar que o autor da Mancenilla, cor a sua comedia, obrigou-se solemnemente a escrever novas peças; esta é apens um ensaio, mas um ensaio onde o poeta, ao lado dos defeitos, mostrou verda derras qualidades. Sabe travar o dialogo, dar-lhe mesmo certo sabor e tornead que não são communs em nossa scena; falta-lhe muitas vezes a concisão, tã necessaria ao effeito do theatro, de modo que lhe acontece diluir um pensa mento em muitas palavras, ou vestil-o de fórmas taes que escapa ao espirito d maioria dos espectadores.

A sua composição bade parecer melhor no livro, onde as delicadas phants sias do poeta, podem entrar mais livremente no espirito, onde as suas qualidade serão melhor apreciadas, onde até, estou certo, apparecerá certa limpidez que n

exhibição scenica me parecen nulla.

O Atheneo, levando a scena a Mancenilha, deu mais uma prova de qu toma a sua missão como um empenho de honra, e que procura contribuir para engrandecimento do thestro nacional com verdadeiro desvello.

MACHADO DE ASSIS.

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

COLLABORADO POR VARIOS ESCRIPTORES BRASILEIROS E PORTUGUEZES

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um da cada mez) se dará uma gravura.

Afiança se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menos prazo.

Condições da assignatura.

Para a Côrte 158000 - Para fóra da Côrte e Provincias 178000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46, 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes.

Os Srs.

Catilina & Comp.
Cunha Irmãos & Comp.
Luiz Augusto de Oliveira.
Joaquim Baptista Moreira
Silva & Costa.
Francisco Luiz Ribeiro
Joaquim Alves Leite
J. J. de S. Ayram Martins
Felizardo Toscano de Brito
José Gonçalves Guimarães.
A. L. Garraux
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.
Pernambuco.
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras.